



NASCIMENTO, Lyslei; NAZARIO, Luiz (org.). *Os fazedores de Golems*. Belo Horizonte: Caravana Grupo Editorial, 2020.

### Uma lenda que atravessa a história

**Adão Fernandes da Silva\***

Belo Horizonte, Brasil

adao.fernandes@yahoo.com.br

A coletânea de ensaios *Os fazedores de Golems* organizada pelos professores da Universidade Federal de Minas Gerais, Lyslei Nascimento, da Faculdade de Letras, e Luiz Nazario, da Escola de Belas Artes, tem sua segunda edição publicada pela Caravana (Grupo Editorial) em 2021. A publicação, em cada um dos seus capítulos, traz oportunas e ricas abordagens da lenda judaica, levando-se em conta “novas concepções e significados”, ampliando o sentido da lenda até a contemporaneidade não no âmbito dos estudos literários, mas também na filosofia, no cinema e nas artes em geral.

No primeiro ensaio “O Golem: do limo à letra”, Lyslei Nascimento começa por marcar a lenda a partir da transmissão oral da narrativa, do relato bíblico da Criação Divina e da necessidade de organização destas para os judeus, o Povo do Livro. A lenda do Golem surge, assim, segundo a autora, de um repertório místico, contado e recontado por inúmeros narradores, alcançando, na atualidade, não apenas o estatuto de reconversão do episódio bíblico, mas também a reflexão sobre a criação da arte, da literatura, da ficção. A ensaísta busca a origem hebraica do vocábulo “Golem” nas Escrituras e no Talmude para assim afirmar, que nelas a relação entre criador e criatura é que está em jogo. Em uma das versões da lenda, Adão, o primeiro homem, é visto “como um Golem, ou seja, um corpo sem alma, até que o Criador nele assopre a alma”. O Golem de Praga, no entanto, a versão mais célebre da lenda, uma vez que o caráter heroico, popular e mesmo romântico reflete a imperfeita, falível e mortal natureza humana. Como um ícone, a lenda se multiplica, se populariza, migrando para outros suportes, atuais e até incomuns. A pesquisadora cita, entre eles, mostras de filmes, de livros e de revistas, todas com recriações artísticas em fotografias, óperas, pinturas, esculturas, ou mesmo imagens virtuais, apontando para a tradutibilidade ainda que precária da criatura.

O segundo ensaio é “Os caminhos do Golem pela literatura”, do professor Élcio Cornelsen. O texto aborda o mito do Golem e suas raízes na literatura religiosa. O ensaísta parte do mito e da origem etimológica da palavra “Golem”, em hebraico

---

\* Professor de Língua Inglesa, Mestre em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais e Licenciado em Letras-Língua Inglesa pela Faculdade de Letras da UFMG.



“ser disforme”, “algo disforme”, “algo sem forma”, “sem corpo”; até o seu conceito judaico da Idade Média como um gigante de barro, para então tratar da emulação do ato de criação do homem em suas raízes bíblicas, talmúdicas e cabalísticas. Na primeira parte, Cornelsen trata de seguir a evolução e a origem do termo “Golem” na literatura religiosa judaica. Interessa ao ensaísta a rica associação da criatura com a criação de Adão Kadmon, o primeiro homem, e Lilit, a mulher que teria sido criada do mesmo barro de Adão. Na segunda parte, o pesquisador trata das principais versões da lenda do Golem estudadas por Gershom Sholem. Nestas, destacam-se os elementos da longa tradição lendária e literária do Golem e seus princípios cabalísticos (combinação de letras e números). Na última parte deste capítulo, o ensaísta analisa o mito na literatura moderna desde o período romântico, elencando autores e obras que extraíram da versão polonesa a temática em que aparece a criatura, entre eles: Jakob Grimm, Achin Von Armin, Clemens Brentano. Há, nesse sentido, especial destaque à literatura alemã do século XIX, na qual a lenda teve versões em tanto na poesia quanto na prosa. Para o autor, são inúmeras as contribuições de autores de língua alemã para a consolidação do mito. Ele, desse modo, cita os grandes marcos da literatura da época, como o romance *Der Golem* (1915) de Gustav Meyrink e, ainda, o filme *Der Golem, wie er in die welt kam* (1920), de Paul Wegener. Nesse sentido, o autor busca demonstrar as diversas interpretações da lenda, especialmente após a II Guerra Mundial, dando especial destaque à obra de Jorge Luis Borges, à poesia de Paul Celan e à obra de Moacyr Scliar.

O terceiro capítulo do livro “O Golem, o autômato e Frankstein”, de Luiz Nazario, analisa como a lenda do Golem migra da tradição oral para as narrativas míticas e destas para a literatura e para o cinema. Nazario afirma, sobretudo, a recombinação e a transformação radical do mito. Nesse sentido, o ensaísta propõe uma análise de grandes possíveis linhagens do Golem: a talmúdica, presente no filme *Der Golem* (1915), de Paul Wegener; *O Golem: o monstro de barro* (1937), de Julien Duvivier, a trilogia *Nascimento de um Golem* (1991), *Golem: o espírito do exílio* (1992) e *Golem: O Jardineiro petrificado* (1993) do cineasta israelense Amos Gitai. Sobre a linhagem clássica do Autômato, o ensaísta cita obras em que predominam o tema do mito. Partindo do conceito de automação e da repetição infinita de seres artificiais, o autor prefere dividi-los em 3 tipos básicos: “criaturas biomágicas”, “criaturas biomecânicas” e “criaturas bioeletromecânicas”, exemplificando nessa segmentação escritores como Ariosto, Chaucer, Cervantes. Nazario propõe, ainda, uma análise do mito do Golem, a partir do romance *Frankenstein, ou o Prometeu Moderno* (1816), de Mary Shelley. A semelhança da criatura de Shelley com o Golem acaba por apontar para outras referências como os robôs, os ciborgues, os clones, e mesmo os mutantes.

O quarto capítulo intitulado “O Golem e suas tecnologias”, Alcebíades Diniz Miguel parte da análise do mito como linguagem, ou melhor, da natureza do mito como signo. Para o ensaísta, a narrativa depende da mitologia, ou seja, “ele não existe sem sua leitura”. Transformando-se, ele se espalha atravessando fronteiras e, assim, gera



novas leituras. Como os demais pesquisadores, ele parte da origem da palavra para analisar sua ancestralidade narrativa, buscando, na tradição místico-judaica, seus desdobramentos em outras lendas e mitos mais contemporâneos. O autor chega, assim, à conclusão, e talvez seja essa a parte mais interessante de seu ensaio, que o mito do Golem está associado à criação de seres artificiais, como por exemplo, em *Bicentennial Man*, de Isaac Asimov; *Invasores de corpos*, de Jack Finney; *The Midwich Cuckoos*, de John Wyndham. Sendo assim, o texto mítico vai além do mito e acaba se aproximando de outros campos ou gêneros narrativos como a ficção científica.

O último capítulo do livro intitulado “Meu Golem” encerra o livro com um depoimento do artista plástico Vlad Eugen Poenaru que reflete sobre a exposição, de sua autoria, intitulada “República dos fazedores de Golems”, exposta em 2004, e cujos 36 quadros efetuam releituras do mito. Nesse texto, o artista faz com que a criatura e a sua lenda atravessem a história judaica através dos tempos como um libelo à diversidade e à coexistência. A partir de uma lista em que nomeia os guetos de Praga, Chenauti, Chishinau, Budapeste, Temishwar, Poenaru declara, nesses tempos temerosos, um Golem-herói, defensor dos oprimidos, protegendo “nossos sonhos e que nos defenda de nós mesmos e dos homens que se convertam em máquinas, fantoches, bombas”.

-----

Recebido em: 10/03/2021.

Aprovado em: 17/07/2021.